

Desempenho acadêmico dos alunos declarados cotistas e não cotistas do curso de bacharelado em Administração da Universidade Federal da Bahia

Autoria: Roberto Brasileiro Paixão, Maria Alécia Mota Pereira, Leidimar Cândida dos Santos

Resumo

Este trabalho objetiva verificar se existem diferenças no desempenho acadêmico entre cotistas e não cotistas do curso de Administração da Universidade Federal da Bahia, notadamente em relação ao coeficiente de rendimento (desempenho geral) e ao desempenho na disciplina Matemática. A pesquisa é de cunho exploratório e para a análise foram utilizados banco de dados secundários e questionário enviado online via (SurveyMonkey). A amostra foi composta por 244 alunos ativos que responderam questões com informações gerais, as quais foram agregadas a informações secundárias sobre desempenho acadêmico real, levantadas a partir do sistema acadêmico da universidade. Os resultados indicam que os alunos cotistas não possuem diferenças significativas de coeficiente de rendimento em relação aos não cotistas. Porém, foi identificada diferença significativa entre cotistas e não cotistas no desempenho em matemática, permitindo inferir que o desempenho dos não cotistas é compensado em outras disciplinas. Variáveis adicionais foram analisadas, como a participação em projetos de pesquisa, experiências em estágios e raça (ou cor), sendo que apenas as duas últimas apresentaram resultados significativamente diferentes para cotistas e não cotistas.

Palavras-chave: Universidade. Cotas. Desempenho acadêmico.

1. Propósito

A Lei de Cotas de nº 12.711/2012 é tida como polêmica por alterar a forma de ingresso nas universidades federais de ensino. Essa lei obriga todas as instituições federais a reservarem metade de suas vagas anuais para alunos declarados cotistas, essa determinação tem previsão para cumprimento até no máximo 30 de agosto de 2016.

Segundo a lei, está enquadrado nos parâmetros como cotistas alunos que cursaram as três séries do ensino médio com aprovação em escolas públicas, em Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou ainda aqueles que adquiriram certificado de conclusão do nível médio pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Estudantes que receberam bolsas integrais em escolas particulares não são contemplados pela lei.

A Universidade de Brasília (UnB) foi a primeira a aderir ao sistema de cotas em junho de 1999 e torna-las realidade no Brasil, beneficiando candidatos negros, pardos e índios no momento do vestibular. A partir daí, as demais instituições passaram paulatinamente a adotar as ações afirmativas com o intuito de facilitar a entrada das classes desfavorecidas pela desigualdade social (LESME, 2014).

Em 2002, ainda antes da lei, indignados com a realidade, integrantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) elaboram uma proposta de inclusão dos negros, índios e egressos de escolas públicas e levaram para a reitoria. O sistema de cotas passou a ser praticado em 2005 no vestibular. Os resultados do vestibular apresentados ofereceram suporte para desmistificar todo preconceito existente acerca das cotas, pois candidatos cotistas ingressaram em sua grande maioria por mérito proporcionado pelo resultado do vestibular (UFBA, 2013).

Muito tem se questionado com relação ao nível acadêmico daqueles que ingressam nas universidades pelo sistema de cotas (LESME, 2014; SANTOS; QUEIROZ, 2006). O questionamento não se restringe ao momento do vestibular, mas permanece ao longo dos anos de estudo na graduação. Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) a reserva de vagas foi criticada por inúmeros professores que defendiam a ideia de que os negros deveriam ingressar pela mesma porta dos brancos e não por meio de reservas. Outros ainda acreditavam que as cotas diminuiriam a qualidade dos cursos (SANTOS; QUEIROZ, 2006).

A superação dos obstáculos é um objetivo comum entre alunos cotistas que chegam a Universidade e precisa enquadrar-se num ritmo ao qual, muitas vezes, não estão acostumados. Essa percepção foi mencionada em um estudo a partir do coeficiente de rendimento na UFBA por autores que abordaram entre outras perspectivas, a dificuldade encontrada pelos cotistas para ingresso, permanência e conclusão da graduação (PEIXOTO et al. 2013).

Entre outras dificuldades encontradas pelos candidatos cotistas, destaca-se, sobretudo, a defasagem no conhecimento em matemática. Fatores como a baixa renda e as longas distâncias para deslocamento até a Universidade traduzem o esforço e expressam, de forma peculiar, mais algumas particularidades dos cotistas em relação aos não cotistas (PEIXOTO et al. 2013).

Dessa forma, a presente pesquisa pretende analisar se existem diferenças significativas de desempenho acadêmico de alunos declarados cotistas e não cotistas do curso de bacharelado em Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA), notadamente em relação ao coeficiente de rendimento total (média das disciplinas cursadas até um determinado momento). Ademais, pretende-se analisar estas diferenças também em relação à disciplina Matemática, como já relatado por Peixoto e outros (2013), por entender que a mesma representa uma formação lógica fundamental para o graduando em Administração.

Este artigo está estruturado em cinco partes, incluindo a primeira referente a esta introdução. Na segunda parte é apresentado um recorte teórico-empírico sobre as pesquisas com cotas no Brasil. Na terceira os procedimentos metodológicos são detalhados, compondo o protocolo da pesquisa. Na quarta são apresentados os resultados encontrados e sua correspondência, ou não, com estudos anteriores. E, por fim, são tecidas as considerações finais.

2. Referencial Teórico

A percepção da necessidade de equilíbrio entre as classes sociais, econômicas e as diferenças entre as etnias levaram os Estados Unidos a repensar seu modelo de educação superior em 1960 (LESME, 2014). Essa nova perspectiva trazida pelas ações afirmativas, possibilitou uma melhor convivência entre brancos e negros e, sobretudo para que as classes menos favorecidas tivessem oportunidades de educação superior que até então estavam sendo negadas pelo modelo de ensino praticado. Depois de implantadas o sistema de reserva de vagas em algumas Instituições dos EUA, outros países começaram a enxergar essa ação como um passo para a garantia de que as classes menos favorecidas teriam vagas por direito e, conseqüentemente, uma porta para seu desenvolvimento pessoal e profissional (LESME, 2014).

Mesmo possuindo gargalos que dificultam o desenvolvimento claro das cotas, algumas universidades começaram a aderir a essa realidade. As dificuldades foram e continuam sendo inúmeras, principalmente quando se trata da definição dos critérios para preenchimento das vagas destinadas aos negros, estudantes de escola pública e índios. O maior desafio é traçar justamente um perfil onde o candidato à vaga atenda aos requisitos estabelecidos,

essencialmente quando o mesmo se autodeclara negro (LESME, 2014).

No Brasil, assim como em todos os outros países, as cotas trouxeram pontos que possibilitaram um leque de opiniões e muitos questionamentos acerca do que realmente seria o problema do sistema de ensino no Brasil. Aqueles que se posicionam contra as cotas defendem a ideia de que o problema no número pequeno de negros, índios e egressos de escolas públicas nas Instituições superiores, mais expressivamente nas federais, não se limitava a questões raciais, e sim, a problemas sociais (RODRIGUES, 2014).

Esses questionamentos surgem como um dos pontos relevantes do sistema de cotas para refletir sobre a suposição de que alunos negros, índios e egressos de escolas públicas possuem maiores dificuldades em ingressar no ensino superior pelo fato de não terem educação básica de qualidade e subsídios suficientes para competir no vestibular (ou ENEM) com alunos de escolas particulares, e não necessariamente pela etnia.

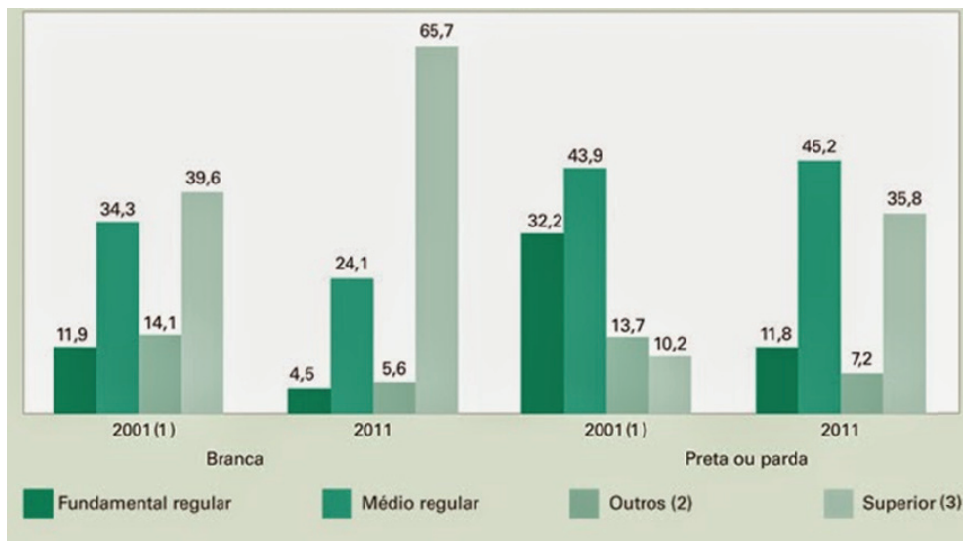
Bezerra e Gurgel (2012) citam uma projeção formulada pelo plano Nacional de Educação para que em até 2020 o número de jovens nas universidades brasileiras chegue a 33%. Isso é possível graças ao aumento significativo de negros nas escolas públicas registrado no IBGE (2012). Em 2011, por exemplo, esse número era de apenas 10,2% e elevou-se em 2011 para 35,8%, representando dessa forma, um salto significativo.

O equilíbrio entre as classes sociais foi o maior propósito das cotas raciais no Brasil. A ideia foi abrir oportunidades para os negros, índios e egressos de escolas públicas que, de fato, ficam a margem da sociedade e são possuidores de menores oportunidades para ingresso em Universidades públicas de ensino no Brasil. De forma lenta, o objetivo vem sendo alcançado, mas ainda existem inúmeras barreiras para a aceitação das cotas nas Universidades públicas brasileiras (LESME, 2014).

As instituições públicas de ensino passaram por diversas transformações ocorridas por demandas sociais. As políticas de cotas surgiram para amenizar a realidade de exclusão que o Brasil enfrentou, e ainda enfrenta, nas universidades e, essencialmente, para tornar possível uma maior integração dos negros, índios e egressos de escolas públicas na carreira acadêmica de forma que tenham a mesma qualidade na formação (BEZERRA; GURGEL, 2011; PEIXOTO *et al*, 2013).

Além de abrir as portas das universidades públicas para os negros, índios e estudantes de escolas públicas é fundamental um esforço social para que os mesmos ocupem esse espaço de forma digna (BEZERRA; GURGEL, 2011). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), o número de negros nas universidades aumentou de forma considerável nos últimos anos.

Figura 1- Distribuição dos estudantes de 18 a 24 anos de idade, por nível de ensino frequentado, segundo a cor ou raça – Brasil – 2001/2011.



FONTE: IBGE (2012).

A intenção do governo é atingir, em 2020, um percentual de 33% dos jovens nas universidades brasileiras (BEZERRA; GURGEL, 2007). Contudo, essa projeção é menos factível quando refere-se à classe menos favorecida. Um dos aspectos que dificultam a inserção dos negros, índios e egressos de escolas públicas nas universidades é a ainda reduzida quantidade de vagas destinadas a eles, os custos inerentes ao estudo e, principalmente, a necessidade de trabalhar durante o tempo que permanecem na universidade (BEZERRA, 2011).

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) realizou estudo para comparar os resultados alcançados no vestibular e o desempenho acadêmico de alunos cotistas e não cotistas em seis cursos nos anos de 2005 e 2006. Os resultados indicam que, em todos os cursos, os cotistas apresentaram médias inferiores no vestibular quando comparados aos não cotistas mas, em contra partida, os superaram no desempenho acadêmico durante o curso (BEZERRA; GURGEL, 2012).

No caso da UFBA, o vestibular de 2005 selecionou 3.986 candidatos e desse número, 2.104 (52,8%) declararam-se oriundos de escolas particulares, ou seja, não cotistas. Dos 1.882 (cotistas), 1.098 (27,5%) obtiveram ordem de classificação igual ou inferior ao número de vagas oferecidas pelo sistema, os 784 restantes beneficiaram-se com as cotas por conta das vagas extras que foram oferecidas e até mesmo de candidatos com médias mais elevadas que entrariam caso não houvesse o sistema de cotas. Concluiu-se que 80,3% dos candidatos selecionados no vestibular de 2005 da UFBA foram classificados pelo desempenho, independente da origem escolar, cor ou etnia. Em contra partida, 19,7% ingressaram com o apoio do sistema de cotas (UFBA, 2013).

Segundo Queiroz e Santos (2006), a diferença de desempenho acadêmico dos estudantes cotistas e não cotistas da UFBA é considerada irrelevante. No curso de Medicina, por exemplo, considerado o de maior dificuldade para acesso, apontou-se uma diferença de menos um ponto na média entre os cotistas e não cotistas no vestibular. O percentual dos alunos cotistas e não cotistas com coeficientes de rendimento entre 5,1 e 10,0 (escala de zero a dez utilizada para notas) em 2005 era de 93,3% e 84,6% respectivamente. No curso de Administração, os cotistas aparecem com 83,3% seguidos de 95,4% dos não cotistas, diferença não significativa.

Os professores da UFBA, em grande parte, eram contrários às mudanças trazidas pelas

cotas. Em seus questionamentos defendiam a ideia de que possuir o mérito de entrar na universidade pública sempre foi a principal marca do sistema de ensino superior gratuito. As cotas significariam dificuldades para alunos negros, índios e egressos de escolas públicas em função do suposto déficit de aprendizagem e, dessa, forma comprometeriam a qualidade de Universidade (SANTOS; QUEIROZ, 2006).

Após todas as preocupações trazidas por diversos posicionamentos contrários às cotas, Queiroz e Santos (2006) apontam alguns dados que são essenciais para análise do rumo tomado pela UFBA a partir da implantação do sistema de cotas. Houve uma elevação no número de negros nos cursos de maior prestígio, que até então só eram formados por brancos. Os estudantes oriundos de escolas públicas passam de 38% para 51% em 2005 por meio do sistema de cotas (QUEIROZ; SANTOS, 2006; ALMEIDA, 2014).

Quadro 1. Distribuição Percentual dos estudantes selecionados, segundo o tipo de escola básica frequentada (2003-2006).

ESCOLA	ANO			
	2003	2004	2005	2006
Pública	38,3	33,8	51,0	44,9
Privada	61,7	66,2	49,0	55,1
Total	100	100	100	100

Fonte: Queiroz e Santos (2006, p. 727).

Para Queiroz e Santos (2006), os argumentos contra as cotas são frágeis, sobretudo quando analisados os dados existentes na UFBA. Os alunos negros mostram-se integrantes firmes do sistema cotas e mostram-se abertos a reafirmar-se como negros de tal forma que se integram em causas sociais para movimentos que possuam o contexto de inclusão. A temida racialização nas universidades foi e continua sendo pelos contrários as cotas a defesa pela continuidade dos privilégios e de poder.

3. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é de cunho exploratório e utilizou-se de dados secundários e primários. O primeiro passo foi levantar o registro de todos os alunos ativos, vinculados ao curso de bacharelado em Administração (EAUFBA), no sistema de controle de notas da universidade. Os dados obtidos continham: código do curso, matrícula, ano e semestre de ingresso, e-mail, gênero, data de nascimento, coeficiente de rendimento total (escore) atual (envolve todas as disciplinas já cursadas) e coeficiente de rendimento na disciplina Matemática (ministrada no primeiro semestre do curso).

A informação referente à forma de ingresso na universidade (sistema de cotas ou não) não é disponível, uma vez que logo após o processo seletivo, para evitar qualquer tipo de discriminação e preservar os alunos, tais dados são destruídos. Sendo assim, como a pesquisa envolve a análise através da forma de ingresso, optou-se por elaborar um instrumento de coleta e aplica-lo junto ao mesmo grupo de alunos ativos. O instrumento de coleta foi enviado via sistema online (*SurveyMonkey*) por meio da base de e-mails obtida na fase anterior. O período de coleta foi de 22 de abril a 11 de maio de 2015.

A população exata foi composta por 748 alunos da Escola de Administração devidamente ativos no sistema acadêmico da UFBA matriculados entre o segundo semestre de 2007 e o primeiro semestre de 2015. Todos foram convidados a responder o questionário da pesquisa. A taxa de resposta foi de 32,6%, ou seja, 244 alunos responderam ao instrumento

de coleta de dados. De fato, o questionário foi respondido por 251 alunos, no entanto, 7 foram desconsiderados por não terem sido completamente respondidos.

Os pesquisados autorizaram sua participação por meio da assinatura digital do termo de consentimento livre e esclarecido. O questionário foi estruturado com as seguintes questões: 1) Você ingressou na UFBA através do sistema de cotas? 2) Você já participou de projetos de pesquisa junto com professores da Escola? 3) Você faz estágio ou já estagiou? 4) Em relação a cor/raça, você se considera (opções). Todas foram respondidas por meio da opção sim/não com exceção da última que possuía cinco opções de resposta: branco, preto, amarelo, pardo ou indígena. A primeira questão é central nesta pesquisa, sendo as demais complementares, uma vez que a participação em projetos de pesquisa, estágios ou a raça poderiam ser variáveis relacionadas com o desempenho dos alunos. Ressalta-se que outras questões foram feitas, mas não foram trabalhadas neste artigo.

Após a coleta com questionário, os dados secundários foram agregados às respostas obtidas, permitindo a construção de um banco de dados único com 244 respostas (nem todas as questões foram respondidas por todos, logo, o número em cada questão pode ser menor). Para tratamento e análise dos dados foi utilizado o software SPSS e técnicas de estatística descritiva e não paramétrica, uma vez que os dados não apresentaram distribuição normal.

4. Análise dos resultados

A análise inicial dos dados revela que os estudantes da EAUFBA possuem idades que variam entre 17 e 56 anos, sendo que 75% deles possuem até 25 anos, aproximadamente. Em relação ao gênero, observou-se equilíbrio, uma vez que 50,4% dos respondentes foram mulheres. A grande maioria não teve experiência, até o momento da coleta dos dados, com pesquisas acadêmicas (86,9%), fato este associado à forte concentração de alunos que ainda não chegaram no último ano do curso (65,3%), quando envolvem-se com a pesquisa do trabalho final de conclusão do curso. A maior parte deles (66,5%) tem ou já teve alguma experiência profissional (estágio ou trabalho). Em relação à raça, os alunos classificaram-se como amarelo (2,1%), branco (36,8%), pardo (39,3%) e negro (21,8%).

Do total válido de 244 alunos, 77 e 166 consideraram-se cotistas e não cotistas, respectivamente. Dos 244, 7 não responderam a questão. Os alunos declarados cotistas representam 32,3% do total, sendo os não cotistas 67,8%.

Tabela 1. Percentual de declarados cotistas e não cotistas na EAUFBA.

Cotas	Frequência	Percentual
Sim	77	32,2
Não	162	67,8
Total	239	100

Fonte: elaborado pelos autores.

O valor apresentado para a média de desempenho dos alunos da escola de Administração é de 5,4 com desvio padrão igual a 2,4 (intervalo de confiança entre 5,1 e 5,7). No geral, os alunos possuem menores médias quando se trata de matemática, cuja média foi 4,0 (intervalo de confiança entre 3,6 e 4,4). Esses resultados apontam para desempenho acadêmico acima da média no que se refere ao coeficiente de rendimento. Isso é possível em função do bom desempenho em outras disciplinas ao longo do curso, que não a Matemática.

A comparação dos resultados entre cotistas e não cotistas foi realizada para o coeficiente de rendimento total e também para a disciplina Matemática. No primeiro caso a média dos não cotistas é de 5,5 (intervalo de confiança entre 5,1 e 5,9), ante a 5,4 dos cotistas

(intervalo de confiança entre 4,9 e 5,9).

Tabela 2. Comparativo entre coeficiente de rendimento e desempenho na matemática dos alunos cotistas e não cotistas.

	Coef. Rendimento			Matemática		
	Cotas	Não cotas	Total	Cotas	Não Cotas	Total
Média	5,4	5,5	5,4	3,2	4,4	4,0
Mediana	5,8	6,3	6,2	2,9	5,2	5,0
Lim. Inferior	4,9	5,1	5,1	2,7	3,9	3,6
Lim. Superior	5,9	5,9	5,7	3,8	4,9	4,4
Desvio Padrão	2,1	2,6	2,5	2,5	3,3	3,1
Máximo	8,0	9,1	9,0	8,2	10,0	10,0
Mínimo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
N	75	162	237	75	162	237

Fonte: elaborado pelos autores.

Observa-se, então, que não há diferença significativa entre o desempenho dos alunos cotistas e não cotistas da EAUFBA, quando se trata do coeficiente de rendimento total (Mann-Whitney U = 5.308,5 e p-valor = 0,118). Porém, quando realizado o mesmo teste, envolvendo cotistas e não cotistas, para a disciplina Matemática, o resultado é diferente em relação ao coeficiente de rendimento total. A média dos cotistas foi de 3,2 (intervalo de confiança entre 2,7 e 3,8), ante a média de não cotistas de 4,4 (intervalo de confiança entre 3,9 e 4,9). A diferença entre os grupos mostrou-se significativa (Mann-Whitney U = 4.744,5 e p-valor = 0,006).

Tabela 3. Teste de Mann-Whitney.

Grupos		N	Mean Rank	Sum of Ranks	Mann-Whitney U	p-valor
Coef. Rendimento	Sim	75	108,78	8.158,5	5.308,5	0,118
	Não	162	123,73	20.044,5		
	Total	237	-	-		
Matematica	Sim	75	101,26	7.594,5	4.744,5	0,006
	Não	162	127,21	20.608,5		
	Total	237	-	-		

Fonte: elaborado pelos autores.

A média de desempenho calculada por meio do coeficiente de rendimento dentro da faculdade é diferente quando comparado ao desempenho na disciplina de matemática. Os alunos cotistas possuem no geral dificuldades na disciplina, no entanto, os resultados nas demais matérias do curso possibilitam elevação do coeficiente de rendimento, gerando assim, notas equilibradas em relação aos não cotistas. A análise desses dados evidencia a necessidade de maior atenção junto ao ensino público anterior ao ensino superior, uma vez que um melhor desenvolvimento em matemática poderia potencializar o coeficiente de rendimentos dos estudantes.

É interessante observar que os alunos cotistas, em geral, são capazes de superar o desafio proporcionado pelas lacunas deixadas no ensino público e, principalmente, por

conseguem rendimento escolar muito próximo dos alunos não cotistas. Assim como observado por Queiroz e Santos (2006) em sua pesquisa na Universidade Federal da Bahia, a análise dos dados sinaliza para uma realidade muito similar entre cotistas e não cotistas e as discrepâncias aparecem de forma significativa apenas quando se trata de matérias exatas, com maior destaque em matemática.

A presente pesquisa corrobora os resultados verificados na análise do vestibular da UFBA de 2005. Os alunos cotistas da EAUFBA apresentam desempenhos consideráveis em relação aos não cotistas e apresentam médias que se enquadram dentro de um mesmo intervalo que os não cotistas. Dessa forma, não existe parâmetro para afirmar que as cotas causam desequilíbrio negativo no ensino na EAUFBA, nem tampouco que os alunos cotistas não teriam as mesmas condições para ingressar no mercado de trabalho.

Apesar do desempenho dos cotistas na matemática sinalizar um problema isolado e pessoal do grupo, a análise dos dados desta pesquisa encontra argumentos para contrapor esse posicionamento. Mesmo ficando numericamente melhor posicionados nas médias de matemática, isso não é suficiente para afirmar que existem diferenças no desempenho acadêmico entre cotistas e não cotistas. Em outras palavras, ratifica-se a ideia de que, apesar de muitos posicionamentos contrários as cotas nas universidades públicas, os alunos cotistas mostram-se capazes de superar preconceitos existentes acerca de sua origem escolar, cor ou etnia (QUEIROZ; SANTOS, 2006).

Adicionalmente foram calculadas as estatísticas descritivas para o coeficiente de rendimento e o desempenho em matemática dos cotistas e não cotistas, considerando os subgrupos dos alunos que já tiveram (ou não) participação em projetos de pesquisa. As médias do coeficiente de rendimento são próximas e os intervalos de confiança sobrepõe-se, tanto no caso dos cotistas, quanto no de não cotistas. O teste não paramétrico de Mann-Whitney não indicou diferença significativa em ambos os casos, considerando o coeficiente de rendimento. No caso do desempenho em matemática, o resultado foi bastante similar, mesmo a média dos alunos que já tiveram experiência em projetos de pesquisa tendo sido mais elevada do que aqueles que não tiveram tal experiência. Ou seja, a priori, considerando apenas esta análise, a participação em projetos de pesquisa não representa uma variável que interfira no desempenho dos estudantes a ponto de diferenciar cotistas e não cotistas.

Tabela 4. Comparativo entre coeficiente de rendimento e desempenho na matemática dos alunos cotistas e não cotistas e a participação em projetos de pesquisa.

	Cotistas				Não Cotistas			
	Coef. Rendimento		Matemática		Coef. Rendimento		Matemática	
	Pesq. Sim	Pesq. Não	Pesq. Sim	Pesq. Não	Pesq. Sim	Pesq. Não	Pesq. Sim	Pesq. Não
Média	6,0	5,4	3,7	3,2	6,1	5,4	5,2	4,3
Mediana	6,2	5,8	3,8	2,9	6,5	6,3	6,1	5,1
Lim. Inferior	5,2	4,8	1,8	2,6	5,1	5,0	3,6	3,8
Lim. Superior	6,8	5,9	5,5	3,8	7,2	5,9	6,9	4,9
Desvio Padrão	1,0	2,1	2,2	2,6	2,2	2,7	3,3	3,2
Máximo	7,7	8,0	6,9	8,2	9,1	8,8	10,0	10,0
Mínimo	4,7	0	0,8	0	0	0	0	0
N	8	67	8	67	18	144	18	144
Mean Rank	40,81	37,66	41,88	335	89,53	80,5	94,33	79,9

Sum of Ranks	326,5	2.523,5	37,54	2.515	1.611,5	11.591,5	1.698	11.505
Mann-Whitney U	245,5		237		1.151,5		1.065	
p valor	0,699		0,592		0,44		0,213	

Fonte: elaborado pelos autores.

Além da participação em projetos de pesquisa foi considerada também a variável experiência em estágios. Para os cotistas, tanto o coeficiente de rendimento, quanto o desempenho em matemática apresentaram diferenças não significativas. Contudo, no caso dos não cotistas, a experiência da realização do estágio apresenta diferença significativa daqueles que não o fizeram. No caso, aqueles que tiveram tal experiência possuem desempenho acadêmico, seja no geral ou em matemática, superior. Pode-se concluir, então, que esta variável é significativa para o desempenho do aluno, mas especificamente para os não cotistas. Contudo, a ressalva faz-se necessário em função da limitação do teste realizado e da necessidade de estudos mais aprofundados desta relação.

Tabela 5. Comparativo entre coeficiente de rendimento e desempenho na matemática dos alunos cotistas e não cotistas e a experiência em estágios.

	Cotistas				Não Cotistas			
	Coef. Rendimento		Matemática		Coef. Rendimento		Matemática	
	Est. Sim	Est. Não	Est. Sim	Est. Não	Est. Sim	Est. Não	Est. Sim	Est. Não
Média	5,6	4,9	3,5	2,7	6,2	4,2	5,0	3,4
Mediana	6,0	5,2	3,2	1,2	6,6	5,8	5,6	2,4
Lim. Inferior	5,2	3,7	2,8	1,4	5,9	3,3	4,5	2,5
Lim. Superior	6,1	6,1	4,1	4,0	6,6	5,1	5,6	4,3
Desvio Padrão	1,7	2,7	2,4	2,8	1,8	3,3	3,0	3,5
Máximo	8,0	8,0	8,2	7,5	9,1	8,4	10	10
Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
N	54	21	54	21	104	58	104	58
Mean Rank	38,97	35,5	39,94	33,02	90,57	65,24	88,95	68,15
Sum of Ranks	2.104,5	745,5	2.156,5	693,5	9.419,0	3.784,0	9.250,5	3.952,5
Mann-Whitney U	514,5		462,5		2.073		2.241,5	
p valor	0,535		0,215		0,001		0,006	

Fonte: elaborado pelos autores.

Em relação à variável raça (ou cor) declarada pelos participantes da pesquisa, considerando os cotistas, de maioria parda/negra, não foi percebida diferença significativa no coeficiente de rendimento e no desempenho em matemática. Cabe ressaltar que o número de respondentes cotistas que se declararam amarelo/pardo foi baixo (sete). No caso dos não cotistas, a diferença observada foi significativa. Alunos amarelos/brancos não cotistas possuem desempenho superior ao de alunos pardos/negros não cotistas.

Tabela 65. Comparativo entre coeficiente de rendimento e desempenho na matemática dos alunos cotistas e não cotistas e raça/cor declarada.

	Cotistas		Não Cotistas	
	Coef. Rendimento	Matemática	Coef. Rendimento	Matemática

	Amarelo /Branco	Pardo /Negro	Amarelo /Branco	Pardo /Negro	Amarelo /Branco	Pardo /Negro	Amarelo /Branco	Pardo /Negro
Média	5,4	5,4	3,6	3,2	5,9	5,1	4,8	4,0
Mediana	6,5	5,8	5,0	2,9	6,7	6,2	5,6	5,0
Lim. Inferior	2,9	4,9	0,9	2,6	5,3	4,5	4,1	3,3
Lim. Superior	7,8	5,9	6,3	3,8	6,4	5,7	5,6	4,7
Desvio Padrão	2,7	2,0	2,9	2,5	2,5	2,7	3,4	3,0
Máximo	7,7	8,0	7,5	8,2	9,1	8,4	10	9,0
Mínimo	0	0	0	0	0	0	0	0
N	7	68	7	68	86	76	86	76
Mean Rank	40,57	37,74	40,29	37,76	88,95	73,07	88,31	73,79
Sum of Ranks	284	2.566	282	2.568	7.649,5	5.553,5	7.595	5.608
Mann-Whitney U	220,0		222		2.627,5		2.682	
p valor	0,743		0,769		0,031		0,047	

Fonte: elaborado pelos autores.

Assim, o pensamento de que alunos negros, índios e egressos de escolas públicas (logo, cotistas) baixariam o nível da Universidade precisa ser reconsiderado e visto como uma possibilidade de mudança das desigualdades encontradas no Brasil, seja por racismo ou, principalmente, pela má educação pública oferecida as pessoas menos favorecidas. Diante disso, este trabalho corrobora o trabalho de Queiroz e Santos (2006) no que diz respeito à temida desqualificação esperada por muitos docentes da UFBA e reafirma que os ingressantes pelas cotas possuem desenvolvimentos bastante consideráveis.

5. Conclusão

A presente pesquisa traz resultados positivos no que se refere ao desempenho acadêmico dos alunos cotistas e não cotistas da EAUFBA. Por meio da análise dos dados foi possível destacar que os alunos da Escola de Administração possuem desempenho acadêmico acima da média exigida pela universidade para aprovação (cinco) e que o desempenho dos ingressantes por meio de cotas não possui diferença significativa quando comparados com os não cotistas.

Os alunos cotistas mesmo com muitas dificuldades ocasionadas pelas diferenças sociais e raciais apresentaram, no âmbito da Escola de Administração da UFBA com médias muito próximas dos não cotistas. Não existem argumentos estatísticos, neste estudo, para afirmar que cotistas possuem desempenhos diferentes ao longo do curso de Administração da UFBA. Ficou claro, porém, que os mesmos possuem dificuldades com a disciplina de matemática, as quais apresentaram médias mais baixas. Isso ratifica a dificuldade registrada precisamente por Queiroz e Santos (2006), cuja causa identificada pelos autores está associada à fragilidade no ensino público fundamental e médio. Mesmo assim, esse fator não os torna com menor desempenho acadêmico geral, uma vez que outras disciplinas compensam o menor desempenho em matemática.

Os resultados obtidos, ao tempo em que permitem diluir a discriminação em relação a um suposto desempenho inferior dos alunos cotistas, tende a redirecionar a ênfase para o desempenho no início da graduação, ou até mesmo antes da mesma, para os ensinamentos médio e fundamental. Contudo, o estudo, em função das características da amostra, não permite generalizar os resultados, porém, serve de parâmetro para novas pesquisas sobre desempenho

de alunos cotistas e não cotistas e, fundamentalmente, a busca pela identificação de variáveis intervenientes no processo de graduação.

As análises adicionais em relação a participação em projetos de pesquisa, experiência em estágios e raça (ou cor) ajudam a compreender melhor o desempenho dos alunos cotistas e não cotistas, mas não são concretas. A priori, a variável participação em projetos de pesquisa não possui relação com o desempenho de cotistas ou não. Já a variável experiência em estágios mostrou-se significativa apenas para os não cotistas. Pode-se inferir, então, que tal experiência dos cotistas pode contribuir para o incremento do desempenho acadêmico. E, por fim, a variável raça (ou cor) também apresentou diferença significativa apenas para os não cotistas, sendo que os participantes declarados pardos/negros possuem desempenho inferior aos declarados amarelos/brancos. Essa informação apenas evidencia a desigualdade existente, porém sem a possibilidade de ratificação da mesma, uma vez que outra variável interveniente não foi considerada, quer seja a formação no ensino fundamental e médio em escolas públicas ou privadas.

Convém destacar, como fechamento, que novas pesquisas sobre desempenho acadêmico de alunos de graduação em Administração e a relação com o sistema de cotas precisam ser realizadas de forma a ratificar os resultados obtidos. Como principal sugestão para pesquisas futuras, destaca-se a necessidade de utilização de mais variáveis intervenientes do desempenho, além de abordagens estatísticas que possibilitem captar os efeitos de múltiplas variáveis sobre o desempenho acadêmico.

Referências

ALMEIDA, Wanessa. UFBA. Brasil Escola. 2014. Disponível em:

<<http://vestibular.brasilecola.com/cotas/ufba-14.htm>>. Acesso em: 18 out. 2014.

BEZERRA, T. O. C. **A política de cotas em universidades e inclusão social: desempenho de alunos cotistas e sua aceitação no grupo acadêmico**. 187 f. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de La Empresa, Montevideu, Uruguai, 2011.

BEZERRA, T. O. C.; GURGEL, C. R. M. A política pública de cotas em universidades, enquanto instrumento de inclusão social. **Revista Pensamento e Realidade**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 95-117, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv62715.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

LESME, A. Lei de Cotas. Equipe Brasil Escola. 2014. Disponível em:

<<http://vestibular.brasilecola.com/cotas/lei-das-cotas.htm>>. Acesso em: 02 set. 2014.

PEIXOTO, A. et al. Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento. In: Coloquio de Gestión Universitaria em Américas, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: INPEAU/UFSC, 2013.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, J. T. Sistema de cotas: um debate. Dos dados à manutenção de privilégios e de poder. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 717-737, 2006.

RODRIGUES, Marla. **Contras**. Brasil Escola. 2014. Disponível em <<http://vestibular.brasilecola.com/cotas/contras.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2014.

SANTOS, J. T.; QUEIROZ, D. M. Vestibular com cotas: análise em uma instituição pública federal. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, v. 1, p. 58-75, 2006.

UFBA, Sistema de cotas no vestibular – Análise dos resultados. 2013. Disponível em: <<http://www.vestibular.ufba.br/docs/vest2005cotas.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2015.